

Entre malocas e sacristias

Júlio Lancellotti, pároco do Belém, desafia as oposições e defende aquele que a metrópole trata como “os mais fracos”

Uma paróquia no Belém, próxima ao metrô que leva o mesmo nome do bairro, chama a atenção pela simplicidade e pela lotação numa terça-feira comum, às sete da manhã. A tradicional paróquia é a São Miguel Arcanjo.

Aglomeram-se na São Miguel moradores antigos da Mooca, residentes recém-chegados aos prédios construídos há pouco tempo na região do Belém, homens e mulheres em situação de rua e moradores de albergues. Alguns assistem a missa, outros aguardam no pátio.

Chama ainda mais a atenção o seu pároco. Às oito ele escuta uns, dá conselho para outros, faz companhia para um café na padaria ou puxa papo com as pessoas. Faz parte de sua característica de padre local: ele está visceralmente envolvido com a comunidade. É também durante a manhã que ele organiza um bazar solidário em que roupas e sapatos arrecadados com doações são escolhidas pelos moradores de rua, homens, em sua maioria, e mulheres.

Julio Lancellotti não sabe muito bem como seu trabalho no âmbito social começou. Ao que parece, a influência veio de casa. O pai trabalhava no Serviço Social de Menores, que precedeu o então Juizado. A mãe era admiradora de Dom Helder Câmara e Dom Paulo. Presença marcante na sua infância, ela sempre lhe transmitiu conhecimento, e assim continuou, durante todo o sacerdócio de Júlio.

Júlio conta que a consciência com as chamadas questões sociais sempre o acompanhou e prefere chamá-las de questões existenciais. “Desde pequeno eu via o trabalho do meu pai, via as coisas que aconteciam”, relembra. A defesa do povo de rua, segundo ele, acabou sendo um arranjo da vida. “Trabalhei com crianças e adolescentes, infratores, mulheres em presídios, crianças com HIV, sempre nessa área social e dos direitos humanos. Acho que o único grupo que não me tiraram foi a população de rua. Todos os outros deram um jeito de afastar de mim”, conta Júlio, que, hoje em dia, atua na Pastoral do Povo de Rua.

Sem a batina, o padre se transforma no Júlio que sai de boné e colete pelas ruas e que tem fortes posições políticas. Ele é próximo de várias figuras neste âmbito, às quais ele recorre para cobrar posições e, mais importante, ações quanto às populações vulneráveis da metrópole. No ano passado, durante um incêndio em uma comunidade da Mooca, foi ele quem mobilizou a doação mantimentos, pressionou a abertura de uma investigação e principalmente, fez toda a mediação, entre os agentes de segurança, a Prefeitura e a população.

O convívio com a rua

Pela defesa das causas sociais e por ter se tornado uma figura pública, conhecida em toda a São Paulo, seu cotidiano não é nada planejado. “Há muito do imprevisível. Isso acaba atropelando o que já está combinado”, conta ele que, com 68 anos, dá um jeito de chegar a

qualquer local quando o 'rapa' destrói uma maloca ou quando as baixas temperaturas chegam e atingem a população de rua. Mas ele é um só, e por isso mobiliza uma rede de ajuda, de pessoas que conquista, senão pela causa, pelo seu carisma.

Tereza Ribeiro, dirigente do Partido dos Trabalhadores, conheceu padre Júlio no início de sua militância, quando começou a se aproximar dos movimentos sociais, quando se mudou para São Paulo. Para ela, a confiança depositada em Júlio vem do fato de suas ações não serem pontuais. Assim, ele se aproxima de quem está acostumado a ver com desconfiança as ações que vem de fora.

O trabalho da conquista da confiança é, de fato, lento e trabalhoso. Ainda mais em uma cidade como São Paulo, com mais de 15.900 pessoas em suas ruas. Nas malocas que se aglomeram próximas ao Metrô Belém e à Comunidade do Cimento, as opiniões divergem acerca do trabalho social de Júlio.

Sentada em sua barraca, Carla, com a filha de poucos meses no colo, nos conta que não confia em quem vem ajudar. Ela explica que aguarda a doação de uma barraca e que espera há um mês por uma vaga na creche para a filha, Gabriela. O companheiro, pai de sua filha, interrompe. Diz que Júlio é ocupado, mas que ele ainda vai aparecer com uma barraca para os três.

Fabrcício está nas malocas desde 2009. "A polícia costuma vir de sexta encher o saco", conta ele. "O padre sempre ajudou. Ele é o único que nos defende, bate de frente com o 'rapa'. Já levou até spray de pimenta. Ele tem um olhar diferente das outras pessoas".

Vinda de Maringá, Paraná, Jucemara acabou de chegar no Belém. "Só conheço pela televisão", explica ela, sobre o padre. O amigo Alexander também sente falta da presença do padre. "Mas ele tem ajudado muito quando acontecem arrastões". Há dez anos na rua, David conta que, quando chega o 'rapa', a comunidade chama o padre. É o que Júlio chama de "estar junto na hora do conflito".

Sérgio, que recolhe recicláveis nas proximidades do metrô Belém, conheceu Júlio há três anos. Ele nos conta, orgulhoso, das roupas, dos alimentos e da barraca que ganhou do padre nesse meio tempo. "Somos amigos. Ele passa aqui, chama as pessoas pelo apelido. Ele sempre ajuda da maneira que pode. Lembro de ele trazer um pedaço de pão. Geralmente busco comida no lixo, não gosto de pedir", conta.

Júlio conta que não gosta do termo 'população de rua', e que prefere se referir a eles como pessoas 'em situação de rua'. Ele também corrige quem diz que ele trabalha com os moradores de rua, na verdade, ele convive com eles. "Essa convivência é rica e conflitiva, é com dificuldades e desafios", descreve Júlio.

Desde a entrada na Pastoral do Povo de Rua, ele tem se voltado para essa população: acolhendo-os, cobrando uma posição do Estado quanto à sua omissão e criticando, abertamente, a violência à qual essa população é vítima. "É uma população que ninguém disputa, que ninguém quer. Ninguém está muito interessado", explica Júlio.

“Se você chegar embaixo de algum viaduto ou maloca que tenha concentração da galera de rua e falar o nome dele, você vai ter o respeito e a admiração das pessoas”, conta Alex, jovem que faz parte da Pastoral do Povo de Rua e que conheceu Júlio em 2012. Na época ele também conheceu Beatriz Almennara, que também compunha a Pastoral e se aproximou da instituição por meio de um estágio da faculdade de psicologia.

“Ele não olha de cima para falar com as pessoas. Ele ajoelha, e se não consegue ajoelhar, ele senta no chão, ele comprimenta essas pessoas, faz questão de abraçar, de tocar, mesmo aquela pessoa que está lá, às vezes toda suja. É angustiante, mas ele faz questão disso”, explica Beatriz. “Quando ele escuta os desejos, os anseios, as dores daquela pessoa, ele não leva como uma repetição, ele realmente escuta aquilo. Isso faz bastante diferença.”

“Eles não são elementos passivos. Eles têm sonhos, desejos, contradições, dificuldades”, conta Júlio. Segundo Alex, dificilmente os moradores de rua - ou pessoas em outras situações de vulnerabilidade extrema - veem-se como sujeitos, mas essa é uma elaboração que Júlio constantemente faz. “Quando você está construindo as coisas junto com as pessoas, elas se veem como sujeito das coisas”, explica Alex.

“As pessoas em situação de rua sabem quem está lá com eles e quem não está. Quando trabalhei na Prefeitura, e mesmo na PUC, via e vejo várias pessoas falando do povo em situação de rua, mas nunca pisaram na Cracolândia, não estão lá, não ajoelham, não conversam, não comem com aquelas pessoas”, critica Beatriz, que acrescenta que essa cultura está em todos nós, em maior ou menor escala. Segundo ela, o trabalho da Pastoral e de Júlio fazem com que “o coletivo comece a funcionar de outras maneiras”, viabilizando o que é importante para a população de rua.

Eduardo Xavier nos ajudou a olhar para essa população por um outro espectro. Ele é ex-morador de rua e hoje em dia mora na Casa Guadalupe, associada à Missão Belém, instituição católica que dedica sua existência ao acolhimento de pessoas em situação de rua e à qual Júlio colabora.

“Padre Júlio me conheceu quando eu morava na rua. Às vezes quando ele chegava lá, eu pensava ‘Esse padre veio encher o saco de novo. Deve estar tentando descobrir o que a gente está fazendo de errado aqui’. Mas foi se criando uma confiança desconfiada, porque na rua não dá para confiar totalmente”, nos conta.

“Eu era uma pessoa muito complicada e violenta, mas o padre Júlio sempre dava assistência, procurava, queria saber como a gente estava. Criou-se um laço de amizade, independentemente dele ser um padre e eu, um morador de rua”, conta Eduardo.

Eles se reencontraram na Missão Belém e desde então tornaram-se amigos. “Ele me dá conselho quando fico magoado, tem hora que você está em crise e precisa recorrer a alguém. Tomo bronca direto, não tem conversa com ele se eu estiver errado. É o pai que eu tenho aqui em São Paulo”, conta.

Posições fortes

Prédios novos tem chegado com rapidez na região próxima aos metrô Bresser e Belém, onde se concentram várias barracas improvisadas dos moradores de rua, além do chamada comunidade do Cimento e da comunidade São Martinho, locais em que Júlio é presença constante, principalmente quando chega o “rapa”.

O Parque da Mooca também era local de concentração da população de rua, mas ações higienistas, como a retirada de torneiras e o trancamento de banheiros, têm tentado expulsá-los de lá. Essas ações são constantemente criticadas por Júlio, nas suas redes sociais, em entrevistas, pessoalmente à políticos e durante sua homilia.

Alex nos conta que a posição do padre, contrária à especulação imobiliária e às políticas de higienização, faz com que ele cause aversão em muita gente. “Grupos poderosos da Mooca e o Conselho de Segurança já têm pressionado Júlio”, explica ele, que é intimamente ligado às questões urbanas. “Por estar contra a violência e contra o poder dominante de grupos que se fortalecem na cidade, principalmente para retirar a população de rua da região da Mooca, ele se coloca em risco sim, sem dúvida.”

Apesar de não haver uma maioria contrária às posições do padre, entre a própria população da Mooca há divergências quanto à presença e as ações de Lancellotti. “Tem pessoas que aceitam e que entendem o trabalho. Ao mesmo tempo, é muito difícil a compreensão quando os moradores de rua chegam próximos a elas. É aquele velho comentário de que é tudo muito bonito quando não está na porta da sua casa. Desse lado, você tem várias críticas. A Mooca tradicional não é fácil”, explica Domingos Sávio, morador da região e amigo de Júlio.

“A missão dele é em uma região de classe média alta de São Paulo, o Alto da Mooca. A missa de domingo é dentro de uma das faculdades mais caras da cidade”, conta Tereza Ribeiro, moradora da zona leste. Segundo ela, o padre convida moradores de rua não só para assistirem à missa, como também para participarem da celebração. “Na cerimônia de lava pés, ele lava os pés de morador de rua que está com cancro e de uma transsexual”, conta ela. Sobre isso, Júlio revela: “O dia que eu lavei o pé da transsexual os bispos se assustaram bastante”.

De tempos em tempos Júlio revela que recebe a proposta, vinda de seus superiores, de mudar de paróquia, ao que ele firmemente recusa. Uma de suas características é ser um padre local, por isso os vínculos tão intensos com a Mooca. “Você sabe que o bispo me ligou essa semana perguntando se eu aceito mudar de paróquia? Ele quer que eu vá para o Brás, ele diz que é a minha cara ficar lá”, conta o padre.

Para ele e para Agripino Magalhães, secretário da Arquidiocese de São Paulo, não há uma perseguição contra Júlio dentro da Igreja. “Na verdade, eles têm medo de se envolver politicamente. Temos ainda uma parte conservadora da Igreja Católica”, conta Agripino. “Às vezes a própria Arquidiocese não toma partido e fala assim ‘Não, o padre Júlio está certo sim!’ Ainda falta isso, para até mesmo encorajar a sua luta diária, que não é fácil.”

Com suas homilias e suas posições, Júlio, intencionado ou talvez sem querer, mudou a forma como muitos enxergam a religião. “Júlio me ajudou a pensar que outro mundo é possível, que ações pequenas são capazes de transformar a realidade”. Para Alex, a fé ajuda a resistir aos cenários ao seu redor e ao sofrimento que é parte das lutas nas quais Lancellotti e outros companheiros se dispõem a serem coadjuvantes. As mudanças não são rápidas e muito do que se deseja, muitas vezes não vinga. “Se trata de um esforço coletivo, não individual.”

Giovanna Costanti de Lima

Linha de ônibus escolhida: 702C-10

Ponto final: Metrô Belém